Brasil e Portugal: a ditadura entre luzes e sombras

- leituras literárias -

URI
UNIVERSIDADE REGIONAL INTEGRADA
DO ALTO URUGUAI E DAS MISSÕES

Reitor
Luiz Mario Silveira Spinelli
Pró-Reitora de Ensino
Rosane Vontobel Rodrigues
Pró-Reitor de Pesquisa, Extensão
e Pós-Graduação
Giovani Palma Bastos
Pró-Reitor de Administração
Nestor Henrique de Cesaro

Câmpus de Frederico Westphalen
Diretor Geral
Silvia Regina Canan
Diretora Acadêmica
Elisabete Cerutti
Diretor Administrativo
Clóvis Quadros Hempel

Câmpus de Erechim
Diretor Geral
Paulo José Sponchiado
Diretora Acadêmica
Elisabete Maria Zanin
Diretor Administrativo
Paulo Roberto Giollo

Câmpus de Santo Ângelo
Diretor Geral
Gilberto Pacheco
Diretora Acadêmica
Marcelo Paulo Stracke
Diretor Administrativo
Berenice Beatriz Rossner Wbatuba

Câmpus de Santiago
Diretor Geral
Francisco de Assis Górski
Diretora Acadêmica
Michele Noal Beltrão
Diretor Administrativo
Jorge Padilha Santos

Câmpus de São Luiz Gonzaga
Diretora Geral
Sonia Regina Bressan Vieira

Câmpus de Cerro Largo
Diretor Geral
Edson Bolzan

URI
Frederico Westph

CONSELHO EDITORIAL

Presidente
Denise Almeida Silva (URI)

Conselho Editorial
Acir Dias da Silva (UNIOESTE/ UNESPAR)
Alessandro Augusto de Azevedo (UFRN)
Alexandre Marino Costa (UFSC)
Antonio Carlos Moreira (URI/FW)
Cláudia Ribeiro Bellochio (UFSM)
Edite Maria Sudbrack (URI/FW)
Elton Luiz Nardi (UNOESC)
José Alberto Correa (Universidade do Porto, Portugal/UNESP)
Leonel Piovezana (Unochapeco)
Liliana Locatelli (URI/FW)
Lisiane Ilha Librelotto (UFSC)
Lizandro Carlos Calegari (UFSM)
Lourdes Kaminski Alves (UNIOESTE)
Luiz Fernando Framil Fernandes (FEEVALE)
Mauro José Gaglietti (URI/Santo Ângelo/ ANHANGUERA)
Miguel Ângelo Silva da Costa (UNOCHAPE-CO)
Noemi Boer (URI/Santo Ângelo)
Paulo Vanderlei Vargas Groff (UERGS)
Rosângela Angelin (URI/Santo Ângelo)
Tania Maria Esperon Porto (UFPEL)
Vicente de Paula Almeida Junior (UFFS)
Walter Frantz (UNIJUI)

Consultores

Attico Inacio Chassot (Centro Universitário Metodista)
Júlio Cesar Godoy Bertolin (UPF)
Barbara Estevão Clasen (UERGS)
Breno Antonio Sponchiado (URI/FW)
Claudia Battestin (URI/FW)
Cledimar Rogério Lourenzi (UFSC)
Daniel Pulcherio Fensterseifer (URI/FW)
Gelson Pelegrini (URI/FW)
Gustavo Brunetto (UFSM)
Luis Pedro Hillesheim (URI/FW)
Rosa Maria Locatelli Kalil (UPF)
Sibila Luft (URI/Santiago)

Inara de Oliveira Rodrigues
Silvia Niederauer
Organizadoras

Brasil e Portugal: a ditadura entre luzes e sombras

- leituras literárias -

Frederico Westphalen
2015

Este trabalho foi licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-CompartilhaIgual 3.0 Não Adaptada.

Revisão : Inara de Oliveira Rodrigues e Silvia Niederauer
Capa/Arte: André Forte e Tani Gobbi dos Reis
Projeto gráfico: André Forte e Tani Gobbi dos Reis
Impressão: Litografia Pluma

Catalogação na Fonte elaborada pela
Biblioteca Central URI/FW

B83 Brasil e Portugal: a ditadura entre luzes e sombras- leituras literárias-/ Organizadoras: Inara de Oliveira Rodrigues, Silvia Helena Niederauer. – Frederico Westphalen, RS : URI – Frederico Westph, 2015.

314 p.

ISBN 978-85-7796-170-2

1.Ditadura Militar. 2. Salazarimo. 3. Crítica. I. Título.

CDU 2

URI – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Campus de Frederico Westphalen:
Prédio 8, Sala 108
Rua Assis Brasil, 709 – CEP 98400-000
Tel.: 55 3744-9223 – Fax: 55 3744-9265
E-mail: editora@uri.edu.br

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

À Maria Luíza Ritzel Remédios,
in memoriam

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALJOG - Acervo Literário Josué Guimarães
ALN - Ação Libertadora Nacional
CES - Centro de Estudos Sociais
CPC - Centro Popular de Cultura
CUF - Companhia União Fabril
DGS - Direção Geral de Segurança
DPCP - Departamento de Censura e Diversões Públicas
FICO - Frente Independente para a Colaboração Ocidental
FNLA - Frente Nacional de Libertação de Angola
FRELIMO - Frente de Libertação de Moçambique
MPB - Música Popular Brasileira
MPLA - Movimento Pela Libertação de Angola
MUD - Movimento de Unidade Democrática
PCB - Partido Comunista Brasileiro
PCP - Partido Comunista Português
PIDE - Polícia Internacional e de Defesa do Estado
UNE - União Nacional dos Estudantes

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO
CONHECER É PRECISO _____ **13**
Regina Zilberman

NO COTIDIANO DA DITADURA MILITAR _____ **19**
Maria da Glória Bordini

DITADURA E TRAUMA NA PRODUÇÃO CULTURAL BRASILEIRA: ENTRE O PASSADO E O PRESENTE ____ **29**
Lizandro Carlos Calegari

PORTUGAL E O SALAZARISMO _____ **49**
José Luís Giovanoni Fornos

POR UMA MEMÓRIA SOBRE A DITADURA BRASILEIRA PELA VIA DRAMATÚRGICA: LEGADO E RASTROS PARA MADURAS E NOVAS GERAÇÕES DE LEITORES _____ **65**
Miriam Denise Kelm

O EXERCÍCIO DO PODER SALAZARISTA NA ÁFRICA _ **83**
Jane Tutikian

TEATRO E POLÍTICA: A DITADURA MILITAR EM *GOTA D'ÁGUA* (CHICO BUARQUE E PAULO PONTES) E *OS DEGRAUS* (AUGUSTO SOBRAL) _____ **97**
Agnaldo Rodrigues da Silva

O CRONISTA JOSÉ SARAMAGO: DO JORNAL AO BLOG, A AFIRMAÇÃO DA LITERATURA COMO COMPROMISSO ESTÉTICO E POLÍTICO _____ **121**
Inara de Oliveira Rodrigues

AS DÉCADAS DE CHUMBO E O *35º ANO DE INÊS* ___ **133**
André Luis Mitidieri
Mirta Cristina Parcianello de Freitas

COM A MÚSICA POPULAR CAMINHAMOS E BOTAMOS O BLOCO NA RUA _____ **155**
Paulo Roberto Alves dos Santos

E O TEATRO, QUE BICHO DEVE DAR? POLÍTICA, IDEOLOGIA E ARTE EM *SE CORRER O BICHO PEGA, SE FICAR O BICHO COME* (1966), DE ODUVALDO VIANNA FILHO E FERREIRA GULLAR _____ **191**
Luciana Éboli

A MORTE EM VIDA DO POVO BRASILEIRO: *INCIDENTE EM ANTARES* _____ **203**
Silvia Niederauer

A LITERATURA E O JORNALISMO DE JOSUÉ GUIMARÃES: PALAVRAS E LEITURAS RECUPERADAS **223**
Miguel Rettenmaier

MEMÓRIAS DA DOR E DA VIOLÊNCIA: NARRATIVAS LITERÁRIAS E DITADURA MILITAR BRASILEIRA ___ **243**
Ana Paula Teixeira Porto
Luana Teixeira Porto

MEMÓRIAS DE TEMPOS SOMBRIOS - GESTOS TESTEMUNHAIS EM *CAMINHANDO E CONTANDO*: MEMÓRIA DA DITADURA BRASILEIRA _____ **265**
Denise Almeida Silva

IDENTIDADE, POLÍTICA E UTOPIA EM *QUARUP*, DE ANTONIO CALLADO _____ **285**
Vera Prola Farias

CICATRIZES DA VIOLÊNCIA TAMBÉM CANTAM À CAPELA: POESIA, AÇÃO E ATO EM *POEMAS DE ABRIL* _____ **301**
Maria Thereza Veloso

AUTORAS E AUTORES _____ **309**

APRESENTAÇÃO

CONHECER É PRECISO

Regina Zilberman

Ai, esta terra ainda vai cumprir seu ideal:
Ainda vai tornar-se um imenso Portugal!
Chico Buarque de Holanda

Os capítulos que compõem este livro propõem uma aproximação não muito usual entre as literaturas e a cultura produzida no Brasil e em Portugal, ao procurarem vê-las desde a perspectiva da representação da ditadura. Acontece que a ditadura é um daqueles regimes que nunca mostram a cara, escondendo-se por trás de estados monárquicos ou republicanos, promovendo eleições de fachada e dizendo-se apoiada pela população.

Porque almejam não serem reconhecidos, os regimes ditatoriais não querem se deixar representar em obras de arte, sejam literárias, dramáticas, cinematográficas ou musicais. Mas os produtores dessas obras desejam, sim, mostrar o que se passa por trás das aparências, como fazem, com muita propriedade, os autores estudados pelo grupo de pesquisadores reunidos neste livro.

Ditaduras são uma das criações mais terríveis do século XX. Ainda que tenham sido os gregos do século VI a. C. que cunharam a palavra "tirania", para expressar o sistema autocrático exercido por políticos como Psístrato e Clístenes, e nos séculos XVII e XVIII a tese do "direito divino dos reis" tenha sustentado o Absolutismo enquanto forma de governo, foi nas primeiras décadas do novecentos que se inaugurou um regime político caracterizado pela centralização do poder em um indivíduo, um grupo ou um partido, exercido de modo autoritário e apoiado em uma força militar ou policial com

vistas à sua perpetuação, independentemente do apoio coletivo ou da aprovação da população. A tomada do poder, em um sistema ditatorial, faz-se via de regra de modo ilegítimo, ainda que, antes disso, algum tipo de referendo – eleição, plebiscito, aclamação – tenha precedido a conquista do Estado.

Benito Mussolini, que talvez tenha inaugurado o modelo de ditadura que caracterizou o século XX, chegou ao poder depois de ter alcançado alguma popularidade entre seus seguidores, entre os quais se destacavam os "camisas-negras", milícia que garantia sua segurança, e de ter organizado a "Marcha sobre Roma" em 1922, pleiteando uma nova ordem social na conturbada Itália de seu tempo. Após ter sido convidado a chefiar o governo, alcançou a maioria do parlamento em eleições consideradas fraudulentas. Depois de 1925, concentrou o poder do Estado em suas mãos, transformando o partido que liderava em única expressão política de seu país.

Não foi muito diferente com os ditadores que marcaram a primeira metade do século XX: Joseph Stalin, Antônio de Oliveira Salazar, Adolf Hitler alcançaram o poder por força de alguma convocação, fosse a do partido (Stalin), a do Conselho de Ministros (Salazar), a do Presidente da República, após algum sucesso eleitoral (Hitler). É depois de alcançado o poder que algum fato, como o incêndio do Reichtag, em Berlim, em 1933, justifica a promulgação, pelo chefe do Estado, de legislação eliminando as liberdades civis e estabelecendo o controle político, seguidamente apoiado em sua própria milícia (como as SA, depois as SS na Alemanha nazista).

Outros ditadores são fruto de guerras civis, provocadas para desestabilizar o sistema democrático dominante. É o que ocorreu na Espanha, após a vitória dos republicanos em 1936, o que motivou seus opositores, comandados por Francisco Franco, a invadir o país e derrubar, depois de longos e violentos combates, o poder democraticamente constituído. Não foi muito diverso o que aconteceu no Brasil de 1930, quando o perdedor nas eleições presidenciais, Getúlio Vargas, reuniu as forças contrárias a Washington Luís e a seu sucessor, Júlio Prestes, vencendo a revolução que o conduziu ao controle do Estado e implantando um regime ditatorial por quinze anos.

Ditaduras podem ser sustentadas por ideologias opostas, como foram o comunismo de Stalin e o nazismo de Hitler. Mas,

como apontou Hanna Arendt,[1] independentemente das ideologias de base, elas convergem em um aspecto – a instalação de um Estado totalitário, que, valendo-se de uma polícia política bem aparelhada (Gestapo, KGB, PIDE), aniquila as manifestações individuais, impõe o partido único, isola os dissidentes, discrimina as disparidades, almeja perdurar para sempre.

Como se observou, ditaduras não empregam essa palavra para se autorreferenciar. São seus opositores ou vítimas que reconhecem a ilegitimidade do sistema, nomeiam-no e expressam-no de várias maneiras, a literatura, o cinema, a canção de protesto, a dramaturgia sendo algumas delas. Os gregos, que conheceram a tirania e suas consequências, alertaram para o perigo representado pelo governante quando se converte em um déspota, como sugere o *Édipo rei*, de Sófocles. O tema atravessou os tempos, reaparecendo com intensidade no século passado, quando as ditaduras mostraram-se prática recorrente na Europa da primeira metade do novecentos, na África da segunda metade, e na América Latina por todas as suas décadas.

Portugal atravessou a maior parte daquele século sob o tacão da ditadura. Inaugurou-a Sidônio Paes, em 1917, que comandou o golpe que derrubou o presidente da República e assumiu o poder, até ser alvo de um atentado e morto em 1918. Dez anos depois, Antônio de Oliveira Salazar já controlava o Conselho de Ministros, solidificando sua posição em 1933, com a imposição do Estado Novo. O regime salazarista sobreviveu a seu criador, falecido em 1970, já que a normalidade democrática foi restabelecida apenas em 1974, após a Revolução dos Cravos, somando quase cinquenta anos.

O século XX brasileiro presenciou dois períodos ditatoriais.[2] Getúlio Vargas, que liderou os revolucionários de 1930 e ocupou o governo, manteve-se na chefia do Estado até 1945, com poderes absolutos sobretudo após 1937, quando instalou a versão nacional do Estado Novo. O sistema democrático posterior a 1945, de recorte presidencialista, foi derrubado em 1964, em golpe em que se aliaram

[1] ARENDT, Hannah. *As origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

[2] Em 1890, Eduardo Prado lançou *Fastos da ditadura militar*, reunindo matérias jornalísticas publicadas entre 1889 e 1890 na *Revista de Portugal*, dirigida por Eça de Queirós e editada em Paris. Os artigos acusavam o governo republicano, instalado em novembro de 1889, da prática de atos ditatoriais, apoiado no poder do Exército e reproduzindo comportamento identificado por Prado em outras nações hispano-americanas. Aceita a tese, o primeiro período ditatorial da história brasileira dataria do século XIX. Cf. ZILBERMAN, Regina. Os fastos da ditadura militar, de Eduardo Prado – o Brasil de um exilado. *Conexão Letras*. v. 10, n. 13. Porto Alegre: UFRGS, 2015. ISSN 1980-332x. p. 52-64. http://seer.ufrgs.br/index.php/conexaoletras/article/view/55695/33849.

civis e militares, mas que, aos poucos, foi assumido pelo Exército. Ao contrário das ditaduras europeias e hispano-americanas, e mesmo do modelo anterior adotado por Vargas, a ditadura brasileira não contou com um líder – carismático ou não –, sendo representada por generais que se sucederam a cada quinquênio e adotaram, enquanto comandavam o Estado, o título de presidente da República.

O primeiro presidente civil foi empossado em 1985, mas, mesmo assim, escolhido tão somente pelo parlamento, e não por eleição direta, realizada essa em 1989. Portanto, o segundo período ditatorial da história brasileira do século XX estendeu-se por 21 anos, entre 1964 e 1985, mas seus efeitos dilataram-se até 1989.

Getúlio Vargas não contradisse o figurino dos ditadores europeus, ainda que o modelo fosse recente e estivesse em uso: contou com aparelhada polícia política e eficaz Departamento de Imprensa e Propaganda, que garantiam, cada um por seu lado, a solidez do governo e a palatabilidade das medidas autoritárias. Soube também transformar atos de insatisfação – como a fracassada revolução de 1935, comandada por membros do Partido Comunista, bem como o Levante Integralista de 1938, liderado por Plínio Salgado – em provas de competência e condição de continuidade, de modo que as reações contrárias ficaram contidas ou esconderam-se na clandestinidade. Talvez Dyonélio Machado tenha sido um dos poucos a expor os riscos experimentados por quem não seguia a cartilha getulista, como mostram os romances *O louco do Cati* (1942), *Desolação* (1944) e *Passos perdidos* (1946). Outras criações literárias que retratam a época, como, por exemplo, *Memórias do cárcere* (1953), de Graciliano Ramos, *O arquipélago* (1962-1963), de Erico Verissimo, ou *Em liberdade* (1981), de Silviano Santiago, foram produzidas nas décadas subsequentes, algumas inclusive bem depois da morte do ex-ditador, em 1954.

Por outro lado, ao golpe militar de 1964 seguiu-se intensa produção cultural de contestação ao sistema vigente. Em dezembro daquele ano, o show *Opinião*, dirigido por Augusto Boal, com texto de, entre outros, Oduvaldo Vianna Filho, ambos atuantes, desde o inicio daquela década no Teatro de Arena, e associados ao Centro de Cultura Popular (CPC), da União Nacional de Estudantes (UNE), inaugurou um gênero de protesto político que se manteve vivo nos decênios seguintes. Mesmo quando recrudesceu a censura, com a

imposição do Ato Institucional nº 5 (AI-5), em 1968, e, depois, nos chamados anos de chumbo, no começo dos anos 1970, não se calou a voz dos artistas, que, direta ou indiretamente, por meio do realismo ou de alegorias, não se intimidaram.

Em Portugal, o silenciamento foi mais eficaz em alguns períodos, mas não todos. Ao final dos anos 1930 e começo da década seguinte, artistas como Alves Redol e Soeiro Pereira Gomes, filiados ao Neorrealismo, valeram-se do romance para evidenciar as mazelas da sociedade e da política lusitana. Nos anos 1960, quando o governo intensifica a ação militar em suas até então colônias africanas, poetas e ficcionistas, mesmo que à custa do exílio ou da prisão, manifestaram as perdas resultantes de uma guerra suicida. José Cardoso Pires, em *O delfim*, de 1968, e especialmente em *Dinossauro Excelentíssimo*, de 1972, exemplifica a atitude contestadora dos intelectuais portugueses, ao lado de Augusto Abelaira, em *A cidade das flores*. Depois da Revolução dos Cravos, em 1974, o veio se expande, materializando-se na obra de José Saramago, Lídia Jorge e Lobo Antunes, por exemplo.

O tema mostra-se, pois, fértil, incindindo em notável riqueza artística, o que justifica amplamente a aproximação proposta por este livro. Aproximação que, como se observou antes, não é usual, mas necessária, uma vez que se evidencia em gêneros distintos, seja no campo literário – romances, dramas, depoimentos – seja fora dele, no cinema e na música popular. Traduzido por autores do porte de brasileiros como Antonio Callado, Chico Buarque, Erico Verssimo, Ignácio de Loyola Brandão e Millôr Fernandes, e de portugueses como José Cardoso Pires, José Saramago, Lidia Jorge e Lobo Antunes, alcança a excelência literária sobre a qual se debruçam os estudiosos que esta coletânea reúne.

Lê-la, pois, é acompanhar os laços que atam as histórias de Portugal e do Brasil não sob seu aspecto político mais nobre ou mais positivo, porém sob sua faceta mais impactante e que todos precisamos conhecer.